
EDUCAÇÃO FÍSICA

BEATRIZ DE SOUZA PEREIRA

***SPORT EDUCATION* NO ENSINO MÉDIO:
ANÁLISE DE CONDUTA NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**



Rio Claro
2021

BEATRIZ DE SOUZA PEREIRA

SPORT EDUCATION NO ENSINO MÉDIO:
ANÁLISE DE CONDUTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Moreto Impolcetto

Coorientador: Me. Thomás Augusto Parente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Rio Claro
2021

P436s	Pereira, Beatriz de Souza Sport Education no Ensino Médio : análise de conduta nas aulas de Educação Física escolar / Beatriz de Souza Pereira. -- Rio Claro, 2021 54 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto Coorientador: Thomás Augusto Parente 1. Educação física. 2. Ensino médio. 3. Estudantes Conduta. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

*Dedico este trabalho aos meus pais, Adriana e Joaquim,
os meus maiores exemplos de perseverança e amor.*

AGRADECIMENTOS

Gratidão. Só essa palavra pode expressar o conjunto de todos os sentimentos que trago neste momento. Mas, principalmente, carrego em meu coração muita felicidade e alívio por estar me formando em meio a todos os desafios que a pandemia vem nos proporcionando, com a esperança de um futuro melhor.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais. Ao Carlinhos (Joaquim) e a Dri (Adriana) todo o meu reconhecimento e admiração. Sem vocês eu não teria tido as oportunidades e o privilégio de chegar até aqui. Obrigada por todas às vezes que me incentivaram a estudar e que tiveram orgulho de mim. Amo vocês.

Ao meu amor (Guilherme), meu agradecimento especial. Sempre presente, dia após dia, você me apoiou e me encorajou a ser uma pessoa melhor. Compartilhou de todas as minhas inseguranças, ao passo que me fez acreditar que eu seria capaz de superar todas as dificuldades. Amo você!

O meu muito obrigada aos colegas de estudo do LETPEF, que me acolheram e foram grandes parceiros nestes últimos anos. A minha imensa gratidão ao Thomás que, como coorientador, disponibilizou tanto do seu tempo para me ajudar nesse processo, e que, principalmente, se tornou um amigo querido.

Deixo também o meu agradecimento e despedida aos meus professores e colegas de curso. Todos, sem exceção, contribuíram para a construção dessa jornada e da profissional que me tornei. Obrigada a Rafa, Hemily, Isa, Vini, Bruno (Coci), Léo, Rafael, Pedro (Mega) e Gabriel por todo o aprendizado. Obrigada a Samantha, Julia e Antônio que me acompanharam durante a licenciatura e, ainda, à Marcela que, como amiga, me ensinou a respeitar os meus limites e a me orgulhar desta linda profissão. Também agradeço aos professores Roberto Tadeu Iachite, Samuel de Souza Neto, Maria Antônia Ramos de Azevedo e Talita Francieli Bordignon por me mostrarem a importância do afeto na identidade de um excelente professor. Sentirei saudades de vocês!

Por fim, termino agradecendo profundamente a minha professora e orientadora Fernanda Moreto Impolcetto que esteve presente durante grande parte da graduação me ensinando tanto. Obrigada por acreditar em mim e me oportunizar tantas conquistas. Obrigada por compartilhar da sua sabedoria e por ser um exemplo de professora MULHER a seguir. Um abraço e até logo!

RESUMO

Na Educação Física escolar (EFE) busca-se romper com o modelo tradicional no ensino do esporte, marcado pela segregação entre os alunos e a supervalorização do desempenho técnico. Abordagens atuais da Pedagogia do Esporte apresentam propostas como o *Sport Education* (SE), que busca oferecer uma experiência esportiva autêntica e significativa diferenciando-se do modelo tradicional, ao valorizar questões como os saberes atitudinais da prática esportiva e entende-se que o *fair play*, valorizado pelo modelo, pode ser elemento importante nas aulas de EFE. Portanto, o objetivo deste trabalho foi analisar como os alunos se comportaram em relação às atitudes de *fair play*, durante um projeto de educação esportiva nas aulas de EFE de uma turma do Ensino Médio. Foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa, de característica longitudinal, na qual foram utilizados os dados produzidos por um projeto de extensão em parceria com uma escola pública de Ensino Médio de um município do interior do estado de São Paulo, onde foram realizadas três temporadas do modelo do SE com a mesma turma, do primeiro ao terceiro ano. Para a produção dos dados foram utilizados dois instrumentos de pesquisa: diário de campo e grupo focal, sendo os dados analisados e discutidos por meio da análise qualitativa descritiva. Foram selecionados os dados referentes ao *fair play*, que foram categorizados conforme a Carta Esportiva em seis categorias, sendo elas: respeitar os regulamentos, respeitar os árbitros e aceitar as suas decisões, respeitar os adversários, demonstrar preocupação com a igualdade de oportunidades entre os competidores, manter permanentemente a própria dignidade e respeitar os colegas da sua própria equipe. Como principais resultados, identificaram-se que o trabalho a partir do *fair play* possibilitou reflexões, por parte dos alunos, sobre a temática e possivelmente influenciou mudanças de condutas em todas as categorias analisadas, conforme os relatos apresentados. Conclui-se que trabalhar com o *fair play* nas aulas de Educação Física, por meio do modelo do SE, permite que os alunos reflitam sobre valores e atitudes voltados a uma mudança de comportamento, de modo que possam fazer uma transferência dos saberes atitudinais vivenciados nas aulas para a vida, entretanto, mudanças são necessárias na atuação dos professores de EFE para efetivar o trabalho com o *fair play* nas aulas.

Palavras-chave: Educação Física escolar; *Sport Education*; *fair play*; Ensino Médio.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO	9
3. <i>FAIR PLAY</i>	12
3.1. <i>Fair play</i> na Educação Física escolar?.....	14
4. MÉTODO	17
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	23
5.1. Respeitar os regulamentos	23
5.2. Respeitar os árbitros e aceitar as suas decisões	26
5.3. Respeitar os adversários.....	28
5.4. Demonstrar preocupação com a igualdade de oportunidades entre os competidores	31
5.5. Manter permanentemente a própria dignidade	35
5.6. Respeitar os colegas da sua própria equipe	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXO A – Parecer Comitê de Ética e Pesquisa	50
ANEXO B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido aluno.....	52

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a Educação Física escolar (EFE) no Brasil sofreu diversas alterações no que diz respeito aos objetivos e conteúdos abordados nas aulas, tendo em vista que, após sua introdução no contexto escolar entre os séculos XVIII e XIX, as propostas da disciplina foram sendo modificadas de acordo com as características e as influências provenientes do higienismo, militarismo e esportivismo (BRACHT, 1999).

Na década de 1970, segundo Soares et al. (1992), houve a ascensão do modelo tecnicista, que atribuiu às aulas de EFE a responsabilidade da descoberta de novos talentos esportivos para representar o país, sustentando assim o ensino do esporte como conteúdo hegemônico.

Nesse modelo tradicional tecnicista de ensino valorizavam-se nas aulas, predominantemente, o desempenho técnico e a alta performance dos alunos, os quais eram obtidos por meio de repetições mecânicas dos movimentos (BROUCO; DARIDO, 2007). Como afirmam Darido e Sanches Neto (2005) também foi nesse período que a segregação entre os alunos que obtinham melhores rendimentos e os alunos menos habilidosos tornou-se mais evidente no contexto escolar, bem como a intensificação do papel do professor no centro do processo de ensino e aprendizagem.

A partir de uma pesquisa realizada com professores de Educação Física do Ensino Médio da rede pública, Santos e Nista-Piccolo (2011, p.69) relatam que “[...] o esporte continua sendo tratado de modo seletivo e reducionista”. Portanto, entende-se que o modelo tecnicista de ensino, no contexto escolar, não propicia aos alunos uma compreensão do esporte como um fenômeno sociocultural dos tempos atuais, o qual é construído pela sociedade (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014).

Darido e Sanches Neto (2005) apontam que embora o tecnicismo tenha sido fortemente criticado pela área acadêmica a partir da década de 1980, o esporte permanece como um dos conteúdos mais influentes e representativos na prática atual das aulas de EFE. Logo, se faz necessário que o ensino do mesmo busque superar o modelo tecnicista tradicional, não de maneira a rejeitá-lo, mas com o objetivo de contribuir para a sua evolução (GALATTI et al., 2014).

Nesta perspectiva, as abordagens atuais da Pedagogia do Esporte (PE) apresentam novas propostas para o ensino das diversas modalidades esportivas.

Partindo da análise de algumas das principais abordagens existentes, os autores apontam que estas buscam, de modo geral, ultrapassar a supervalorização do desempenho técnico, oportunizando uma formação esportiva crítica e reflexiva, pautada na cooperação, inclusão e na autonomia dos alunos. As abordagens propõem que os estudantes, ao compreenderem a dinâmica do jogo, tenham a possibilidade de adquirir a cultura esportiva como um todo e desenvolvam as inteligências tática e técnica, as capacidades de cooperação e de resolução de problemas, entre outras habilidades (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009).

Uma das propostas das abordagens atuais da PE é o *Sport Education* (SE). Este modelo de educação esportiva, organizado na década de 1990, visa uma reformulação da maneira com que os jogos esportivos são ensinados no contexto escolar, se destacando das demais abordagens devido às suas características que abrangem tanto os cuidados com a minimização dos fatores de exclusão, prezando pelo equilíbrio da participação de todos, quanto com a valorização dos alunos como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem (GRAÇA; MESQUITA, 2007).

Para além das características principais do SE, destacou-se neste trabalho a vivência dos alunos relacionada ao *fair play*, tendo em vista que as atitudes voltadas aos valores são enfatizadas durante todo o processo de implementação deste modelo (GRAÇA; MESQUITA, 2007).

Na EFE, os motivos que levam à inserção do *fair play* nas aulas vão ao encontro dos objetivos apresentados pelas abordagens atuais da PE e das propostas de um dos principais documentos educacionais para o Ensino Médio em âmbito nacional: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O documento apresenta a “construção de valores” como constituinte das dimensões do conhecimento da Educação Física, segundo a qual o aluno deve participar de discussões e vivências que proporcionem o aprendizado das normas e valores para exercer seu papel de cidadão (BNCC/BRASIL, 2018).

Vale ressaltar que na atualidade há uma preocupação voltada ao desenvolvimento dos saberes atitudinais no contexto escolar, uma vez que a EFE, assim como as demais disciplinas, possui papel determinante no processo da construção de valores e atitudes dos alunos, visando o estabelecimento de boas relações e o reconhecimento para além dos aspectos procedimentais (GUIMARÃES et al., 2001; DARIDO; RANGEL, 2005).

Portanto, o objetivo da presente pesquisa foi analisar como os alunos se comportaram em relação às atitudes de *fair play*, durante um projeto de educação esportiva nas aulas de EFE de uma turma do Ensino Médio.

2 ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO

Com o aparecimento das Tendências pedagógicas da EFE, a partir de 1980, o modelo tecnicista de ensino do esporte tornou-se alvo de discussões, fator que colaborou para a ressignificação sobre qual seria o papel desta prática corporal na formação completa dos alunos (BARROSO; DARIDO, 2006).

Visto a contribuição do modelo para a valorização desse conteúdo na EFE, é importante salientar que, apesar do viés pedagógico, o esporte na escola costuma ser extensão do esporte de rendimento quando não é abordado de maneira crítica, ou seja, quando visa atingir os objetivos estabelecidos para o contexto esportivo e não para o contexto escolar (BRACHT, 2000).

Nas aulas de EFE do Ensino Médio o esporte ainda se apresenta como conteúdo hegemônico e, na maioria das vezes, é abordado objetivando o rendimento e a alta performance através dos gestos técnicos e da repetição de movimentos (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011; CORDOVIL et al., 2015).

Apesar disso, Cordovil et al. (2015) relatam que os alunos, embora apontem a necessidade do ensino de outros conteúdos como os esportes de aventura, lutas, ginásticas e danças, elegem o esporte como a prática preferida das aulas de Educação Física, salientando o desejo por uma diversificação das modalidades esportivas nas aulas, questão que reforça a hegemonia desse conteúdo para a área.

O trabalho realizado por De Sá e Myskiw (2009) expõe que além do ensino desta prática corporal ser fundamental na EFE, é possível e vantajoso que sejam trabalhados novos esportes (além do futebol, voleibol, basquetebol e handebol, por exemplo), pois ao praticarem diferentes modalidades esportivas os alunos podem aprender novas regras e características, conhecer e respeitar as diferentes manifestações culturais e, minimamente, compreender as condutas esportivas de outras regiões.

Dessa forma, compreende-se que o esporte não deve ser excluído do currículo escolar, mas desenvolvido pelos professores a partir de um novo olhar pedagógico, uma vez que, enquanto conteúdo adquire fundamento no contexto escolar quando adaptado aos objetivos educativos da escola e ao possibilitar a vivência baseada nas possibilidades dos alunos (BRACHT, 2000).

Atualmente, o principal documento que rege a Educação Básica brasileira em âmbito nacional é a BNCC (BRASIL, 2018), que apresenta uma perspectiva similar à apontada por Bracht (2000), de aproximação com a realidade do aluno.

Para a EFE, o documento apresenta seis unidades temáticas a serem desenvolvidas, sendo elas Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura, as quais devem ser organizadas com base nas oito dimensões do conhecimento: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo comunitário (BNCC/BRASIL, 2018).

Para a unidade temática Esportes, por meio da dimensão “análise”, a BNCC prevê o desenvolvimento do conteúdo baseado na compreensão do “saber sobre” e na classificação perante a lógica interna dos esportes (BNCC/BRASIL, 2018). Ou seja, os alunos devem entender que as modalidades esportivas são classificadas através dos princípios táticos e que possuem características, conceitos e regras específicas (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Seguindo as dimensões do conhecimento, especificamente com a dimensão “compreensão”, vale destacar que a BNCC também elucida que o esportes sejam abordados de acordo com a lógica externa, possibilitando que os alunos estabeleçam associações entre as manifestações da Cultura Corporal de Movimento e os diferentes contextos socioculturais nos quais estão inseridas, assim como quais são os fatores, éticos e estéticos, e os agentes que influenciam na transformação das práticas corporais ao longo dos tempos (BRASIL, 2018).

Com as propostas atuais da PE indo ao encontro dessa perspectiva, destaca-se neste trabalho a abordagem do SE. A ideia central deste modelo de educação esportiva é propiciar uma prática verdadeira e significativa, educando os alunos para além dos aspectos procedimentais (GRAÇA; MESQUITA, 2007), viabilizando o desenvolvimento dos demais saberes.

O SE apresenta seis características principais e necessárias à sua implementação: (I) temporadas, que preveem ambientes de prática e de competição durante um período de tempo pré-definido; (II) a filiação, promovendo a formação de equipes para favorecer a união entre os alunos, estimulando o trabalho em conjunto; (III) a competição formal, que ocorre por meio da vivência dos diversos papéis que compõem o cenário esportivo como, por exemplo, atletas, árbitros, técnicos, equipe de imprensa e outros; (IV) o evento culminante, que permite uma competição final

entre as equipes; (V) a manutenção de registros, com dados representativos da evolução dos alunos durante o processo; (VI) e, por último, a festividade, que visa estimular a participação e o engajamento por meio da organização de elementos festivos (GRAÇA; MESQUITA, 2007; SIEDENTOP; HASTIE; MARS, 2011).

Para o presente trabalho, a característica “competição formal” é especialmente importante, tendo em vista que os alunos, ao experimentarem e desempenharem as diversas funções pertencentes ao cenário esportivo, podem desenvolver a capacidade crítica de entendimento quanto às dificuldades e responsabilidades que cada papel demanda, processo este que torna a aprendizagem mais significativa (CAGLIARI, 2018; LUCCA, 2018).

Dessa forma, ao exercerem o papel de árbitros, por exemplo, os estudantes passam a entender as exigências dessa função para os esportes, a adquirir o domínio das regras e a atenção para acompanhar todas as situações de jogo, bem como o comprometimento pelo espírito esportivo, fatores que podem contribuir para que, no cotidiano, os estudantes se coloquem neste papel e sejam mais compreensivos e tolerantes (LUCCA, 2018).

Cabe esclarecer que o conjunto de características do SE prezam para que o esporte seja abordado tanto pela lógica interna quanto pela lógica externa, o que proporciona aos alunos a vivência de diversas experiências e situações de aprendizagem que amplificam os conhecimentos sobre as modalidades esportivas por meio do desenvolvimento da criticidade e autonomia (GRAÇA; MESQUITA, 2007).

À vista disso, reafirma-se a importância de que o esporte na EFE seja trabalhado por meio de novas abordagens pedagógicas, as quais reconhecem o potencial educativo desta prática corporal que, como conteúdo, vai além e permite o ensino de valores que são essenciais para a formação do aluno enquanto indivíduo social, ou seja, viabilizando a aprendizagem de aspectos que serão essenciais no convívio em sociedade (GALATTI; PAES, 2006).

3 FAIR PLAY

No decorrer da história, o *fair play*, também conhecido como espírito esportivo ou jogo limpo, constituiu-se à medida que o esporte foi sendo modificado pela sociedade, desde o aparecimento da cultura esportiva com as civilizações antigas, até a chegada do mundo moderno (RUBIO; CARVALHO, 2005; SANTOS, 2005).

Foi na Grécia Antiga, com a importância dos Jogos Olímpicos Gregos, que os esportes ganharam evidência (SANTOS, 2005). Realizavam-se jogos de cunho celebrativo que valorizavam as competições, onde eram enaltecidos a *areté* esportiva dos competidores e o respeito pela derrota de seus adversários. A expressão *areté*, primeira configuração do *fair play*, indicava valor e caracterizava-se pelo conjunto de qualidades que eram prestigiadas e ganhavam destaque como, por exemplo, o senso de justiça, de bondade, de perspicácia, entre outras, as quais significavam para o homem grego a determinação do seu ser perante o julgamento da sociedade (RUBIO; CARVALHO, 2005).

Conforme o desenvolvimento da humanidade moderna, o esporte foi sendo reestruturado, assim como a *areté* grega, que reapareceu como um dos pilares fundamentais do esporte contemporâneo, denominado *fair play* (RUBIO; CARVALHO, 2005).

Um dos principais marcos que contribuíram para a nova configuração do esporte na modernidade, principalmente no alto rendimento, foi a restituição dos Jogos Olímpicos Modernos em 1896, por Pierre de Coubertin (SANTOS, 2005). Coubertin foi responsável por explorar e valorizar o conceito de *fair play* em seu ideário olímpico, associando-o aos valores de honra, honestidade, lealdade e respeito. Para ele, baseado nas condutas gregas, seria necessário que os atletas e os demais envolvidos assumissem uma postura ética, ou seja, não deveriam utilizar de meios ilícitos a fim de conquistarem a vitória a qualquer custo, partindo das suas próprias competências para vencer (RUBIO; CARVALHO, 2005).

Com os interesses atribuídos ao meio esportivo a partir de então, as condutas dos indivíduos tornaram-se, cada vez mais, alvo de discussões. Em meados da década de 1960, importantes instituições como a Associação Internacional de Imprensa Esportiva, o Conselho Internacional de Esporte e Educação e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por exemplo, passaram a se reunir, tendo em vista a necessidade de

discutirem as questões que envolviam o espírito esportivo. Em 1975 também foi instituído o Comitê Internacional para o *Fair Play*, fator que influenciou o surgimento de demais entidades e federações esportivas ao redor do mundo, estimulando expressivamente o Movimento do *Fair Play* (SANTOS, 2005).

A partir dessas ações, o modo como se entendia o espírito esportivo foi aos poucos sendo modificado. Em 1992, com o Código da Ética Desportiva do Conselho da Europa, o *fair play* passou a ser reconhecido não unicamente como o respeito às regras, mas também associado a um modo específico de reflexão, visto que extrapola o cumprimento dos regulamentos do jogo, envolvendo diversas pautas relacionadas ao contexto esportivo como o combate contra todas as formas de violência, aos meios ilícitos à vitória, corrupção, entre outras (PORTUGAL, 2014).

De acordo com Santos (2005, p. 20) embora ainda não haja na literatura um consenso sobre a definição de *fair play*, este pode ser definido, em suma, como “[...] um conjunto de normas prescritas, isto é, constitutivas do esporte, e normas não prescritas nos códigos esportivos que envolvem comportamentos de acordo com um código de ética humano, que prescreve respeito, tolerância, igualdade, etc.”.

Para Rubio e Carvalho (2005) é imprescindível salientar que assumir estes princípios do *fair play* é responsabilidade não apenas dos atletas em campo, mas de todos os indivíduos que compõem o espetáculo esportivo, isto é, a comissão de arbitragem, técnicos e treinadores, dirigentes, patrocinadores, espectadores e afins.

A datar de 1964, evidências revelam que o esporte passou a ser fortemente incorporado à outras áreas, sendo destinado ao lazer, ao campo educacional e ao campo das pessoas com deficiência, fator que proporcionou novas interações entre os indivíduos e, por consequência, novas manifestações de valores e condutas (SANTOS, 2005).

No entanto, embora haja distinções entre as diversas funções que o esporte recebe, Santos (2005) aponta não ser viável pensar na existência de comportamentos que aconteçam exclusivamente no contexto do alto rendimento, pois, uma vez que o esporte é um fenômeno sociocultural, reflete as questões presentes na sociedade moderna, independente ao âmbito em que se insere - rendimento, lazer ou pedagógico.

Por esse motivo, de acordo com Camargo (2016), torna-se possível observar ações antidesportivas que acontecem no alto rendimento sendo reproduzidas no contexto escolar, à medida que os alunos assumem essas condutas violentas e

antiéticas durante as práticas nas aulas de Educação Física, tema que será abordado a seguir.

3.1. *Fair play* na Educação Física escolar?

Uma das grandes dificuldades que os professores de EFE relatam ao exercerem a sua prática pedagógica refere-se a indisciplina dos alunos, cuja questão é reflexo da relação entre a escola, os jovens e a moral da sociedade, e que tende a atrapalhar o andamento das aulas e afetar diretamente o papel do professor (DARIDO et al., 1999).

Oliveira e Graça (2013) registraram os tipos de comportamentos que os alunos apresentam constantemente nas aulas de EFE e que são considerados inadequados pelos professores. Para os autores, as condutas estão predominantemente atreladas às práticas das aulas e podem ser agrupadas em quatro categorias, sendo elas: (I) comportamentos voltados à atividade, como as conversas inoportunas, a falta de respeito pelos materiais, abandono da sala de aula, entre outros; (II) comportamentos voltados aos professores, como grosseria e falta de obediência; (III) comportamentos voltados aos colegas, como grosseria, condutas perigosas, golpes e outros; e, por fim, (IV) comportamentos dos alunos que foram dispensados, marcado também pelas conversas inoportunas, o abandono da sala de aula e demais perturbações.

Segundo um estudo realizado por Freire et al. (2010), foi possível observar que os professores, por sua vez, tendem a trabalhar os comportamentos inadequados agrupando-os em conteúdos atitudinais distintos nas aulas de EFE, isto é, distinguindo-os em conteúdos voltados a diferentes finalidades: quanto a convivência humana, quanto aos reguladores dos comportamentos dos alunos e quanto aos conteúdos específicos da Educação Física.

Embora haja a preocupação quanto aos tipos de comportamentos dos alunos, Guimarães et al. (2001) afirmam que as experiências vivenciadas nas aulas de EFE como os conflitos advindos pelo contato físico, das diferenças de habilidades e de participação nas atividades e das situações de vitória ou fracasso, por exemplo, podem contribuir para o trabalho das questões atitudinais.

Em outras palavras, torna-se possível a compreensão de que a Educação Física, enquanto disciplina, detém um ambiente rico para a aprendizagem dos

valores, desde que o professor saiba transformar as situações de conflito, de forma intencional, em estratégias pedagógicas eficientes.

Apesar das discussões sobre a adesão dos conteúdos conceituais e atitudinais na EFE ocorrerem há um certo tempo, ainda são um assunto atual para a área (MALDONADO et al., 2014). Porém, Barroso e Darido (2009) apontam que para uma formação cidadã, onde os indivíduos se tornam capazes de atuar democraticamente em sociedade, há a necessidade de uma diversificação dos conteúdos nas aulas, isto é, que ocorra uma aprendizagem para além do saber fazer.

Com o aumento das condutas antidesportivas no alto rendimento e, por consequência, no contexto escolar, González e Bracht (2012) chamam a atenção para o trabalho com os saberes atitudinais na EFE, conteúdo que diz respeito aos valores da sociedade expressos nas ações que os alunos reproduzem ao praticarem o esporte e que perpassam todos os processos de educação.

Camargo (2016) salienta ainda que há tanto a possibilidade de o esporte da escola ser abordado para favorecer o desenvolvimento de boas condutas, quanto para alimentar essas atitudes negativas advindas do cenário esportivo, fazendo-se fundamental a reflexão dos professores sobre quais valores estão sendo construídos por meio de suas aulas, visto que os comportamentos adquiridos nos processos de ensino tornam-se intrínsecos a quem os aprende (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

González e Bracht (2012) esclarecem que apenas o diálogo não é suficiente para que haja mudanças significativas de comportamento, exigindo que os alunos pratiquem e pensem sobre os valores, pois só assim poderão incorporá-los. No mesmo sentido, são apresentadas na BNCC as dimensões do conhecimento destinadas ao ensino da dimensão atitudinal, sendo elas: “construção de valores” e “protagonismo comunitário” (BRASIL, 2018).

No presente trabalho, cabe destacar a dimensão “construção de valores”, tendo em vista que o documento declara ser papel da EFE contribuir para a superação de todas as formas de preconceito e estereótipos que são manifestados nas práticas corporais, com o objetivo de oferecer uma formação pautada no respeito às diferenças e no desenvolvimento de demais atitudes e valores propícios para uma formação cidadã, aspectos que só se tornam possíveis com a intervenção pedagógica do professor por meio da orientação em discussões e experiências ocorridas nas práticas das aulas (BNCC/BRASIL, 2018).

Nessa perspectiva, entende-se que o SE pode contribuir para o desenvolvimento orientado das boas condutas no contexto escolar, à medida que assume o *fair play* como constituinte essencial do modelo. Em um estudo realizado por Braga, Oshima e Dalben (2019) concluiu-se, de maneira geral, que as pesquisas têm demonstrado a eficácia do trabalho com atitudes na EFE para a formação integral do aluno a partir do *fair play*, quando abordado precocemente.

Conforme Siedentop, Hastie e Mars (2011) para que seja possível o desenvolvimento de habilidades como o engajamento dos alunos ao exercerem os papéis sugeridos no modelo, a aprendizagem do trabalho em equipe e o desenvolvimento do autocontrole, por exemplo, faz-se necessário empregar o *fair play* como objetivo principal durante a temporada esportiva.

Dessa maneira, o SE apresenta os objetivos específicos relacionados ao *fair play* e que devem ser visados ao longo da implementação da proposta, sendo eles: a participação ativa e responsável dos alunos para realizarem as tarefas; a dedicação para com o jogo através do esforço máximo; o respeito aos colegas de equipe e aos adversários, resolvendo os conflitos de maneira pacífica; o respeito para com os regulamentos e com aqueles que os executam, além do bom posicionamento em situações de vitória e de derrota; e a solidariedade com todos. Logo, aspectos de jogo limpo como o cumprimento das regras, o respeito, a boa participação e ações de atitudes corretas podem ser explorados nas aulas de EFE (SIEDENTOP; HASTIE; MARS, 2011).

Com a compreensão de que o *fair play* é elemento essencial para o esporte, abrem-se possibilidades para a sua inserção nas aulas de EFE, pois, se o esporte é conteúdo pedagógico, o *fair play*, como um dos constituintes essenciais do cenário esportivo, também pode ser trabalhado com os alunos, a fim de que identifiquem e reflitam sobre quais valores são manifestados na escola e, ainda, na sociedade como um todo.

4 MÉTODO

Para atender ao objetivo do presente estudo, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa que, segundo Thomas, Nelson e Silverman (2012), é caracterizada como um método de análise sistemática, a qual utiliza-se de assuntos globais para nortear o desenvolvimento de hipóteses de acordo com o processo de levantamento dos dados do estudo.

Conforme destacam Lüdke e André (2013), na pesquisa qualitativa, o pesquisador é visto como ferramenta fundamental no processo de produção e análise desses dados, assumindo contato direto com os fenômenos estudados. Ainda, para as autoras, tal característica permite que o pesquisador compreenda esses fenômenos a partir do contexto aos quais estão inseridos, tendo proximidade com as visões que os sujeitos investigados possuem acerca da realidade.

De caráter descritivo, o presente Trabalho de Conclusão de Curso adotou uma perspectiva voltada ao estudo longitudinal, em que são mantidos e estudados os mesmos participantes ao longo de um período de anos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Para cumprir com esse panorama, foram utilizados os dados produzidos previamente por um projeto de extensão da Universidade Estadual Paulista. O projeto de extensão denominado “Educação Física no Ensino Médio: uma proposta de Educação Esportiva”, derivado do projeto de pesquisa “O ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar: análise de propostas baseadas nas abordagens atuais da Pedagogia do Esporte, que foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, com CAAE número 10231719.2.0000.5465 e aprovado por Parecer n. 3.328.606.

Tal projeto de extensão foi realizado em parceria com uma escola pública de Ensino Médio de um município do interior do estado de São Paulo. O projeto contou com a participação de uma mesma turma ao longo dos três anos da pesquisa (1º ao 3º ano), nos anos de 2017 a 2019, caracterizando o estudo longitudinal.

A cada ano uma temporada do modelo SE (SIEDENTOP; HASTIE; MARS, 2011) foi implementada, sendo realizadas devidas adaptações dos moldes originais. Nas três temporadas, foram contempladas modalidades esportivas de invasão, sendo elas: Basquetebol no ano de 2017, Futsal no ano de 2018 e *Ultimate Frisbee* no ano de 2019.

Um grupo de integrantes do Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física (LETPEF), o qual vinculou-se ao projeto de extensão, elaborou os planos de aula e foi à escola desempenhá-los. Foram ministradas duas aulas semanais de cinquenta minutos cada, com os conteúdos referentes às respectivas temporadas do SE, durante um período de, aproximadamente, seis semanas.

Com a mediação dos estagiários do LETPEF, os alunos dividiram-se em três equipes mistas e designaram-se nos respectivos papéis (técnico, capitão, atleta, arbitragem, comissão de mídia e comissão de *fair play*), a fim de assumirem às devidas funções do modelo de educação esportiva ao longo das temporadas.

Para a produção dos dados, duas técnicas de pesquisa foram utilizadas, sendo elas: a) observações das aulas e registros nos diários de campo; e b) grupo focal. A implementação de ambos os instrumentos também ficou sob responsabilidade dos participantes do grupo LETPEF, que acompanharam presencialmente os encontros tomando nota dos registros e, quando necessário, conduzindo as sessões de grupo focal.

De acordo com alguns autores, a técnica do diário de campo deve ser realizada pelo pesquisador de maneira detalhada, captando e registrando apenas as ações e os acontecimentos observados ao longo da permanência em campo, sendo esses registros realizados de forma reflexiva e descritiva (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012; LÜDKE; ANDRÉ, 2013). Para orientar essas observações e registros foi utilizado um roteiro, o qual contemplava os conteúdos desenvolvidos nas aulas, os comentários dos alunos, a participação e o comportamento dos estudantes diante das práticas propostas.

Quanto ao grupo focal, a técnica deve ser executada com um pequeno grupo de indivíduos que são entrevistados e estimulados a expressarem suas opiniões sobre um assunto em específico, não sendo permitido ao pesquisador influenciar as respostas dos participantes para alcançar os resultados esperados. Este instrumento oportuniza uma diversidade de perspectivas e sentimentos, possibilitando a captação de significados que, geralmente, não são possíveis de serem evidenciados através de outras ferramentas (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Para atender a tais características, as sessões de grupo focal foram efetuadas ao término de cada temporada e contaram com a participação de 8 a 11 alunos, sendo esses encontros combinados antecipadamente com a turma. Nas duas primeiras temporadas, os participantes foram selecionados pelas próprias

equipes, onde estavam presentes representantes de cada papel citado anteriormente. Já para a última temporada, com a finalização do projeto, optou-se por realizar o grupo focal com a participação de todos os estudantes da turma, os quais foram selecionados aleatoriamente e divididos em três sessões, prezando para que essas fossem constituídas por integrantes das três equipes.

Foram realizadas, por meio de gravações de áudio, conversas mediadas também por um roteiro pré-estabelecido, a fim de conduzir as entrevistas coletivas para que fosse possível captar as avaliações dos estudantes sobre diferentes aspectos do projeto como o comportamento dos alunos, adequação do modelo, metodologia de ensino do esporte, aspectos positivos e negativos, entre outros.

Por fim, os dados foram analisados e discutidos a partir da análise qualitativa descritiva apresentada por Gil (2008) que se caracteriza como uma técnica apropriada para o desenvolvimento da pesquisa-ação e análise documental. De acordo com o autor, esse método permite maior liberdade ao pesquisador para selecionar e sintetizar dentre os registros coletados, aqueles que serão pertinentes aos objetivos da pesquisa, o que está diretamente relacionado à capacidade de análise do autor.

Este modelo de análise dos resultados foi desenvolvido por meio de três fases principais propostas por Miles e Huberman (1994): redução, exibição e verificação, respectivamente. Na primeira fase, de redução, é necessário por parte do pesquisador, uma capacidade de síntese em que os dados obtidos devem ser selecionados, simplificados e organizados, exigindo a criação de categorias que serão discutidas nos resultados, posteriormente. Já na segunda fase, de exibição, é necessário que haja uma organização dos temas a partir da detecção das semelhanças e diferenças fundamentais, buscando estabelecer outras categorias além daquelas já existentes, sendo essencial que haja coerência com os objetivos da pesquisa. Na terceira fase, de verificação, deve ocorrer a construção das considerações e conclusões finais, visando a interpretação dos dados alcançados e suas devidas explicações.

O processo de análise iniciou-se na seleção de todos os registros referentes ao *fair play* e a conduta dos alunos, contidos tanto nos diários de campo quanto nas sessões de grupo focal.

Em seguida, estabeleceu-se o trabalho de Santos (2005) como o artigo base para a criação das categorias, o qual apresenta a “*Carta sobre o Espírito*

Desportivo”, documento que indica cinco elementos básicos que devem ser observados nas práticas dos esportes e que, na presente pesquisa, foram utilizados como as categorias de classificação dos dados, sendo elas: respeitar os regulamentos; respeitar os árbitros e aceitar suas decisões; respeitar os adversários; demonstrar preocupação com a igualdade de oportunidades entre os participantes; e manter permanentemente a sua própria dignidade.

Além disso, com o intuito de aprimorar a organização e enquadrar todos os registros significativos que surgiram ao longo da implementação do projeto de extensão e que não encaixavam nas demais categorias existentes, foi acrescentado uma nova categoria, denominada: respeitar os colegas da sua própria equipe.

A criação desta categoria se deu a partir do entendimento que, conforme o artigo de Ciampolini et al. (2020), as ações no trabalho em equipe podem ser um importante fator para a prática esportiva de jovens e na possível transferência dessas habilidades para a vida. Dessa forma, a partir das seis categorias os dados foram devidamente classificados.

Para a realização desse processo, optou-se por utilizar uma planilha do *Google Planilhas*, na qual os dados foram transferidos e filtrados de acordo com o objetivo da presente pesquisa. Cada categoria recebeu uma cor, como pode ser visto no Quadro 1, a fim de facilitar o processo de visualização.

Quadro 1. Classificação das categorias.

Categoria	Cor empregada
Respeitar os regulamentos	Amarelo
Respeitar os árbitros e aceitar suas decisões	Azul
Respeitar os adversários	Verde
Demonstrar preocupação com a igualdade de oportunidades entre os participantes	Rosa
Manter permanentemente a sua própria dignidade	Roxo
Respeitar os colegas da sua própria equipe	Vermelho

Fonte: elaborado pela autora.

Após a classificação, como descrito acima, as demais etapas foram realizadas. Portanto, identificaram-se quais dados da mesma categoria expressavam

Figura 2. Exemplo de filtro.

Respeitar os regulamentos	
Positivos	Negativos
Depois que o fair play foi implantado diminuiu muito as penalidades e as faltas cometidas pelo fair play	Observador: Apesar da regra não permitir o drible, uma das equipes faz uso constante (alunos mais habilidosos). Ou o regente, não deixou a regra clara ou os alunos desconsideraram.
No começo foi bom o fair play, mas depois que a gente teve aquela reunião no laboratório ficou muito melhor, porque teve advertência, depois teve a tabela de pontos, porque se não era tudo generalizado sabe, ah fez isso um ponto, fez isso um ponto, e realmente algumas coisas eram mais graves do que outras, então uma equipe era mais prejudicada e a outra não, então depois daquela reunião acho que ficou bem melhor do que antes	Ah, antes daquela reunião era difícil porque você não sabia se aquilo valia fair play ou não, quantos pontos, entendeu.
E depois da reunião ajudou bastante porque todo mundo já conhecia as regras e o modo de avaliação, então, ah você foi penalizado por isso, ok.	O jogo foi parado, pois foi combinado que deveria ser goleiro do mesmo gênero nos times. (no fim não igualaram os goleiros).
<i>O jogo possibilita pensar mais nas regras, pois não tem árbitro</i>	Observador: Apenas o Trickster respeitou o tempo em quadra de cada jogador.

Fonte: elaborada pela autora.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram apresentados e discutidos a partir das seis categorias expostas anteriormente, sendo identificados de acordo com os instrumentos da pesquisa: diário de campo (DC) e grupo focal (GF). Também foram indicados os agentes das falas e relatos em “observador” ou “estudante”, respeitando devidamente o anonimato dos indivíduos.

Por fim, para melhor organização, foi preservada a ordem cronológica dos acontecimentos, a fim de expor os principais dados obtidos e facilitar a identificação da modalidade esportiva trabalhada nas respectivas temporadas do projeto de extensão.

5.1. Respeitar os regulamentos

Para esta categoria foram observadas as condutas que os alunos assumiram quanto ao cumprimento das regras previstas para a prática das modalidades esportivas, bem como daquelas estabelecidas em acordo comum com a turma e professores estagiários. Ao todo, foram selecionados quatro registros.

Durante a abordagem da temporada Basquetebol foi observada a seguinte situação:

“Apesar da regra não permitir o drible, uma das equipes faz uso constante (alunos mais habilidosos). Ou o regente não deixou a regra clara ou os alunos desconsideraram” (DC - Observador, 2017).

Evidencia-se, dessa forma, que os alunos tiveram dificuldade em respeitar os regulamentos do jogo, situação que pôde ser notada também em outros momentos e temporadas do projeto. Apesar de não ter ficado clara a razão desse comportamento, é possível indagarmos a partir das seguintes perspectivas: ou os alunos desrespeitaram as regras intencionalmente ou não foram capazes de compreendê-las.

Camargo (2016) ao estudar os comportamentos dos jovens do Ensino Médio, identificou que o esporte praticado pelos alunos no contexto escolar é reflexo de uma cultura esportiva que preza pela vitória a qualquer custo, isto é, que tem como objetivo final e mais importante o vencer, mesmo que para isso seja necessário burlar as regras para benefício próprio.

Dessa forma, tanto a mídia como as escolinhas de iniciação esportiva se tornam responsáveis pela expressiva influência da competitividade imbricada no conceito dos alunos, que tendem a reproduzir excessivamente a busca pela vitória (CAMARGO, 2016), ao passo que se atentam muito pouco aos regulamentos que foram combinados e estabelecidos e que, de acordo com o *fair play*, devem ser respeitados.

Vis soci et al. (2008) também identificaram que atletas de esportes coletivos, especificamente os do sexo masculino, possuem uma predisposição em desrespeitar ou burlar as regras, pois presenciam poucas consequências sendo direcionadas às más condutas.

Para os autores, além da falta de motivação para respeitar os regulamentos, os atletas também sofrem influência moral das suas equipes, as quais, muitas vezes, carregam a compreensão de que contrariar as regras faz parte da cultura esportiva (VISSOCI et al., 2008).

Por outro lado, indo ao encontro da segunda perspectiva, alguns estudos constataram que os alunos tanto do Ensino Fundamental quanto do Médio apresentaram dificuldades relacionadas à compreensão dos regulamentos durante as aulas de EFE (PEREIRA; MOREIRA, 2005; CAGLIARI, 2018).

Dentre as possíveis razões, encontram-se a dificuldade de memorização e assimilação das regras, apesar das mesmas terem sido lembradas antes da prática (CAGLIARI, 2018) e a dependência por orientações de seus professores para saber o que fazer (PEREIRA; MOREIRA, 2005), motivos que podem comprometer a ação dos alunos.

Em contrapartida, outros estudos demonstraram que os alunos, mesmo aqueles cursando o Ensino Fundamental, não tiveram dificuldades em compreender e assimilar as regras do jogo ou das práticas esportivas (BATTISTUZZI, 2005; HASTIE; CURTNER-SMITH, 2006; NEVES et al., 2013).

Já, ao final da temporada de Basquetebol, foi possível observar o seguinte comentário:

“Depois que o *fair play* foi implantado diminuiu muito as penalidades e as faltas cometidas pelo *fair play*” (GF - Estudante, 2017).

Esse dado revela que os alunos, ao longo da temporada, foram capazes de adotar condutas mais positivas quanto aos regulamentos dos jogos e, ainda, relacionar este ocorrido ao trabalho realizado a partir do *fair play*.

Segundo Constantino (2002), ao estudar a relação entre a concepção dos alunos sobre o *fair play* e os comportamentos assumidos durante as práticas esportivas, verificou que, embora os jovens tenham considerado importante agir de acordo com os valores do jogo limpo, quando estes foram para a prática não assumiram atitudes condizentes com as suas alegações.

Dessa maneira, aconselha-se que o trabalho sobre o *fair play* na EFE seja desenvolvido para além da teoria, buscando outras estratégias pedagógicas que potencializem a aprendizagem sobre as condutas esportivas, uma vez que apenas as discussões no campo teórico não tenham sido suficientes para influenciar na mudança de comportamento dos alunos (CONSTANTINO, 2002), situação esta que ocorreu durante a implementação do projeto de extensão analisado pela presente pesquisa, onde os alunos participaram ativamente das questões que envolviam o *fair play*.

Por fim, durante a abordagem da modalidade *Ultimate Frisbee* destacaram-se os seguintes dados:

“O jogo possibilita pensar mais nas regras, pois não tem árbitro” (DC - Estudante, 2019).

“Com o *fair play* se aprende a respeitar o jogo e respeitar as pessoas que estão jogando, porque ninguém quer perder pontos, então aí você aprende a se vigiar também” (GF - Estudante, 2019).

Observa-se que, no último ano do projeto de extensão, os alunos identificaram um aumento de atitudes positivas da turma relacionado, mais especificamente, à atenção perante os regulamentos do jogo.

Analisando o primeiro dado, compreende-se que outro fator que possa estar relacionado a diminuição do desrespeito às regras seja a influência dos regulamentos da modalidade esportiva em questão, uma vez que, não havendo arbitragem no *Ultimate Frisbee*, os jogadores são forçados a serem mais atentos e a conhecerem melhor as formas de infração, para que assim sejam capazes de fazer o jogo acontecer de forma mais justa (BORGES et al., 2017).

Seguindo a análise, o segundo dado reforça a relação entre as características do *Ultimate Frisbee* e o aumento das ações de *fair play*, à medida que os participantes desenvolvem a capacidade de vigiar as atitudes antidesportivas como resultado da ação e reflexão, e das demais aprendizagens, que são adquiridas durante as vivências e às situações de jogo (BORGES et al., 2017).

5.2. Respeitar os árbitros e aceitar as suas decisões

Nesta categoria buscou-se observar quais foram as condutas dos alunos perante o papel da arbitragem nos jogos, ou seja, se os alunos respeitaram as funções e as decisões dos seus colegas, quando estes exerciam o papel de árbitros. Ao todo, destacaram-se dois registros.

Ao final da temporada da modalidade esportiva Basquetebol, observou-se o seguinte comentário:

“Acho que a função que para mim seria mais complicada seria do árbitro, porque muitas pessoas quando vai assistir um jogo e o árbitro erra, ele é o mais criticado, e são tantas regras que em 1 ou 2 segundos você tem que decidir e passa mil regras na sua cabeça, você tem que lembrar e tem que fazer. Acho que isso pode dar uma tolerância mais para a gente, para quando a gente ver um árbitro perceber que ele também pode errar, é um ser humano como qualquer outro” (ESTUDANTE - GF, 2017).

A partir deste dado nota-se que os alunos, ao vivenciarem o papel da arbitragem, puderam reconhecer as dificuldades e as responsabilidades que um árbitro possui durante uma partida, considerando esta função como uma das mais exigidas no cenário esportivo.

No estudo de Lucca (2018) sobre o modelo do SE com alunos do Ensino Médio, notou-se resultados similares. Segundo o autor, todos os estudantes desconheciam as dificuldades que envolvem o papel da arbitragem e, a partir da vivência puderam adquirir novas concepções, compreendendo a importância dos árbitros para o jogo. Além disso, ainda foi possível notar uma mudança positiva de comportamento dos alunos como, por exemplo, atitudes de respeito, cooperação e cordialidade.

Seguindo a abordagem do SE, outros estudos também apresentaram resultados positivos quanto à vivência dos alunos no papel de árbitros na EFE,

constatando que os mesmos adquiriram uma rica aprendizagem ao conhecerem novas possibilidades de engajamento com a modalidade esportiva trabalhada, ao aprenderem os regulamentos básicos, ao desenvolverem a capacidade de adaptação das regras de acordo com as suas necessidades (GINCIENE; MATTHIESEN, 2017) e, especificamente nas meninas, ao manifestarem grande responsabilidade quanto às funções de árbitras durante o jogo (CAGLIARI, 2018).

Já, ao final da modalidade Futsal, destacou-se o seguinte relato:

“No começo o tanto de *fair play* que eu tive, eu não estava muito acostumado ainda. Eu falo muito palavrão, eu falava tipo “juiz s****”, aí descontava. Eu falava porque descontava, aí eu falava, “sai fora”, logo descontava, mas uma das minhas dificuldades era o *fair play* mesmo” (ESTUDANTE - GF, 2018).

Vale primeiramente ressaltar que o estudante, na sua fala, refere-se às suas atitudes antidesportivas nomeando-as como atitudes de *fair play*, entendimento equivocado quanto ao significado do termo. Também, neste cenário, as condutas anti *fair play* que resultaram nos descontos de pontos das equipes foram definidas em um consenso com a participação de todos os estudantes, bem como dos integrantes do grupo LETPEF, seguindo as características da abordagem SE.

Desse modo, o acordo foi definido da seguinte forma: se um estudante cometesse alguma infração ao regulamento de *fair play* durante os jogos, toda a sua equipe seria penalizada e perderia pontos na somatória final da classificação no campeonato, de acordo com a gravidade da conduta, ou seja, se a atitude antidesportiva se enquadrasse na gravidade verde a equipe perderia 1 ponto (conflito entre a equipe, desrespeito com o árbitro e uso de palavrões), se enquadrasse na amarela perderia 2 pontos (xingamentos de qualquer natureza) e se enquadrasse na vermelha perderia 3 pontos (agressão física). Vale frisar que estas penalidades foram sendo mantidas ou modificadas a partir da necessidade que os próprios alunos identificaram em cada temporada do projeto.

Em contraponto com o resultado discutido anteriormente, o dado acima expressa a dificuldade do estudante em respeitar os árbitros e suas decisões no momento do jogo, situação também observada na conduta de outros alunos ao longo do projeto.

Constantino (2002) identificou que a maioria dos jovens escolares expressaram um nível de percepção muito baixo quanto à importância de aceitar as

decisões dos árbitros, sendo também a categoria de *fair play* que os alunos manifestaram menos atitudes de respeito ao longo das práticas escolares observadas.

Seguindo esta perspectiva, constatou-se que os alunos tendem a acreditar que não são capazes de exercer o papel de árbitros, ao passo que entendem que esta é uma função que deve ser assumida por figuras de autoridade como, por exemplo, professores e/ou diretores, uma vez que são os únicos capazes de manter a ordem do jogo ao utilizarem punições mais severas no âmbito das regras escolares. Ou seja, compreendem que apenas o professor possui responsabilidade para cumprir as exigências deste papel e autoridade para ser respeitado (CAMARGO, 2016).

Carrazoni et al. (2015) verificaram que outro fator que está diretamente relacionado aos comportamentos inadequados dos alunos quanto ao respeito aos árbitros e demais atitudes antidesportivas é a influência que a postura dos professores pode causar durante as aulas de EFE. Ao incentivarem a competição a qualquer custo, direcionarem palavras ofensivas aos árbitros e fomentarem o desrespeito aos próprios alunos, por exemplo, deixam de assumir as suas responsabilidades pedagógicas e tornam-se maus exemplos para seus estudantes, que tendem, por sua vez, a reproduzir determinadas ações.

5.3. Respeitar os adversários

Observou-se nesta categoria como os alunos se comportaram nas situações de jogo ao competirem com os demais estudantes das equipes adversárias. Ao todo, foram selecionados quatro registros.

No primeiro ano do projeto destacou-se o seguinte comentário:

“Eu acho que o *fair play* também é muito importante porque cria um ambiente mais harmônico, por exemplo, tipo, é chato você jogar com uma pessoa te xingando e gritando do seu lado, você não consegue se concentrar e a cobrança é muito maior, porque você quer fazer aquilo para agradar a pessoa para a pessoa não te xingar” (ESTUDANTE - GF, 2017).

Esse dado revela que os alunos, já na primeira temporada, perceberam mudanças nas interações com os seus colegas durante a prática das aulas, à medida que as atitudes da turma foram sendo mais agradáveis.

De acordo com a perspectiva da ética, para participar da vida em sociedade os indivíduos devem apropriar-se das regras e dos valores pertencentes à cultura do seu entorno social, os quais tornam-se parâmetros e norteiam quais condutas seriam aceitáveis diante das diversas relações e situações (IMPOLCETTO; DARIDO, 2011).

Dessa forma, sendo a EFE componente curricular da Educação Básica, se ressalta a importância do papel da disciplina na construção de uma aprendizagem voltada para a formação cidadã, neste caso, prezando pela abordagem da ética de maneira intencional em prol do bem-estar social (IMPOLCETTO; DARIDO, 2011).

Assim, Impolcetto e Darido (2011, p. 1) sugerem que:

“Na interação com os adversários em um jogo ou modalidade esportiva, o respeito mútuo pode ser exercido na busca pela participação na atividade de forma leal e não-violenta. A colaboração, a cooperação, o respeito às regras do jogo, dos limites de determinadas brincadeiras, são todas questões que podem ser tratadas pelos professores nas aulas de Educação Física [...]”.

Portanto, apesar dos objetivos do trabalho com *fair play*, analisado pelo presente estudo, não irem ao encontro da intenção de se agradar os adversários, e sim respeitar, atingiu-se o propósito de estimular a reflexão dos alunos quanto a importância da diminuição dos comportamentos antidesportivos durante as práticas nas aulas de EFE.

No entanto, relacionando-se ao dado discutido anteriormente, foi possível observar que os alunos voltaram a apresentar comportamentos de desrespeito aos adversários nos momentos do jogo nas temporadas seguintes:

“Alguns alunos ficaram comentando as jogadas (rindo e fazendo piadas) ”
(OBSERVADOR - DC, 2018).

Com estes ocorridos faz-se compreender que, embora a implementação do *fair play* nas aulas possa influenciar bons resultados quanto às mudanças de comportamento dos alunos, de acordo com o estudo realizado por Parente e laochite (2018) identificou-se que condutas de xingamentos, caçoadas e piadas inoportunas contra os colegas de turma foram os principais comportamentos inadequados presenciados nas aulas de EFE, indicando a existência de um possível padrão de comportamento social comum entre os alunos.

Ao observar o dado abaixo, pertencente à temporada de Futsal, outra manifestação de atitudes antidesportivas pode ser notada, principalmente advindas

dos estudantes de sexo masculino, os quais assumiram posturas agressivas perante as suas colegas ao utilizarem da força excessiva nos momentos de competição dos jogos:

“Então eles olhavam o time adversário e viam garotas, e falavam o que: “ah não preciso controlar a minha força”. Então, muitas vezes, eles chutavam a bola forte e quase ia na garota. Tipo, no meu time, tinham garotas que falavam: “ah eu estou com medo dele chutar a bola em mim vai doer”. Realmente você olhava quem estava no gol e era uma goleira que estava lá, então chutava para o gol e dava um chute muito forte e se acertasse poderia machucar” (ESTUDANTE - GF, 2018).

Dentre as possíveis razões para tal comportamento, alguns estudos observaram que os alunos, quando envolvidos por um modelo de ensino do esporte espelhado no alto rendimento e/ou quando assumem para si mesmos que esta é a única maneira de jogar, tendem a aderir determinados valores às suas práticas como, por exemplo, considerar a vitória mais importante do que o respeito pelos seus adversários, embora essas atitudes violentas tendam a diminuir à medida que a idade avança (FERRAZ, 1997; MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; VISSOCI et al., 2008).

Ainda, outro relato, da temporada de *Ultimate Frisbee*, aponta uma questão semelhante:

“Quando a gente foi para o jogo, meu Deus! Não aguento correr atrás desse negócio! E aí eu acho que faltou a gente ter mais contato com a outra equipe, por que na nossa, a gente conseguia né, se enturmar e tudo mais, aí chegava na outra, era mais agressiva...” (ESTUDANTE - GF, 2019).

Apesar dos alunos frequentarem a mesma turma durante todo o EM, verificou-se nas falas dos mesmos que há um entendimento muito forte de que o adversário, mesmo sendo um colega de turma há cerca de três anos, deve ser considerado como um inimigo a ser superado durante as práticas esportivas, pensamento que parte da rivalidade da competição fomentada pela mídia (CAMARGO, 2016).

Ainda, em outros casos, também se torna possível relacionar tais condutas à falta de uma orientação adequada, por parte dos professores e/ou treinadores, quanto a importância da preocupação e do respeito que os praticantes precisam

desenvolver pelos seus adversários em uma partida (CARRAZONI et al., 2015; MORAIS et al., 2019).

Por esse motivo, reafirma-se a necessidade do cuidado e da atenção que os professores devem desenvolver para não reproduzirem os valores antidesportivos do esporte de alto rendimento em suas práticas pedagógicas, uma vez que o processo de aprendizagem dos alunos carece de uma boa orientação, para que os mesmos se tornem capazes de refletir sobre suas condutas e reconhecerem que sem o outro, o adversário, não existe competição (BETTI; ZULIANI, 2002; VENDITTI JUNIOR; SOUSA, 2008; BARROSO, 2020).

Assim como pode ser observado por Ciampolini et al. (2020), que puderam verificar um aumento de atitudes de respeito e empatia dos jovens quanto às relações com seus adversários como habilidades que também puderam ser transferidas para outras esferas sociais da vida.

5.4. Demonstrar preocupação com a igualdade de oportunidades entre os competidores

Para esta categoria foram observadas as condutas que os alunos apresentaram quanto à participação das equipes nos jogos, isto é, se eles prezaram para que todos possuíssem as mesmas oportunidades de envolvimento nas atividades. Identificou-se também o aparecimento de questões relacionadas à diferença de participação entre os sexos, mas optou-se por não discutir este tema, visto que não é previsto na Carta Esportiva (SANTOS, 2005) utilizada para a definição das categorias do presente trabalho. Ao todo foram observados seis registros.

Nas temporadas de Futsal e *Ultimate Frisbee* sobressaíram-se os seguintes comentários que, devido à similaridade dos acontecimentos, decidiu-se por reuni-los, já que desencadearam as demais situações desta categoria:

“Não manipulação, tipo uma coisa que eles meio que sabem, tem pessoas na sala que são muito influenciáveis, tipo Maria vai com as outras e quando a pessoa fala: “Ah não, deixa aí com esse time que tá mesmo vai ser normal, no basquete foi de boa”. Mesmo que ano passado falaram, “nesse time tem mais meninas, nesse time”, mas ninguém sabia, nesse estava claro que as pessoas sabiam e não queriam ouvir pessoas se manifestarem. “Gente não tá igual esses times, não tá igual, porque tem quatro pessoas que entendem de

futebol no mesmo”, só que tipo eu falei isso, [...], mas tipo, não são três pessoas que vão carregar um time inteiro em todos os jogos, então teve o negócio, não uma manipulação, mas uma pressão entre a gente, nada a ver com vocês, mas entre a própria sala, uma pressão de “ah deixa como tá”. Eu ouvi gente falando “deixa como tá, vai dar trabalho pra mudar”” (ESTUDANTE - GF, 2018).

“Eu acho que um ponto assim, entre aspas, negativo, foi a divisão dos times, porque alguns ficaram meio desequilibrados, em questão de bons jogadores e jogadores medianos, sabe? Então tipo assim, um time tava muito forte, um time tava médio, então acho que como a gente tá trabalhando com as mesmas pessoas desde o primeiro ano, poderia ter uma divisão melhor, sabe? O que não aconteceu” (ESTUDANTE - GF, 2019).

A partir dos dados, revela-se que um grupo de alunos influenciou os demais colegas da turma a manterem o desequilíbrio de habilidade entre as equipes, demonstrando nenhuma preocupação para que os campeonatos fossem disputados por todos de forma mais justa, já que os próprios alunos foram responsáveis pela formação das equipes.

Além disso, nota-se também pouco interesse dos estudantes em promover mudanças, visto que preferiram abdicar dos seus direitos ao permitirem que a situação se sucedesse da mesma maneira durante os três anos do projeto, deixando de se posicionarem diante de condutas que, de acordo com os códigos do *fair play*, são passíveis de desaprovação.

No estudo de Constantino (2002), observou-se uma situação semelhante. Primeiramente, notou-se que os alunos mais habilidosos se propuseram a comandar a escolha dos times, optando, prioritariamente, pelos alunos da turma que também apresentavam melhores características físicas e motoras, fator este que indica como os estudantes são propensos a formar as suas equipes de forma desigual quanto aos níveis de habilidade já nos anos finais do Ensino Fundamental, etapa de ensino na qual o estudo citado foi realizado.

Outro acontecimento apresentado pelo autor relaciona-se ao fato de que os alunos, apesar de conhecerem as diferenças de habilidade, força e experiências motoras dos seus colegas de turma, não se atentaram com as desigualdades de participação presentes nas equipes até o início dos jogos e, mesmo quando sabido não questionaram ou alertaram ao professor (CONSTANTINO, 2002).

Camargo (2016) ao estudar as percepções dos jovens sobre o *fair play* quando questionados sobre determinados comportamentos esportivos, também identificou nos alunos uma dificuldade em perceber quais atitudes e valores compunham a categoria de igualdade de oportunidades, visto que o olhar deles para o tema foi limitado unicamente à perspectiva do jogar para vencer.

Contudo, também se ressalta que, para aqueles alunos que consideram a disciplina de EFE unicamente como um espaço para treinamento esportivo ou para aqueles que entendem que ela não seja importante para as suas vidas, geralmente, também tendem a não concordar com as condutas de *fair play* desta categoria (BELEM, 2002).

Ainda, nas mesmas temporadas esportivas, foi possível observar outro padrão de comportamento, o qual destacou-se em diversos momentos:

“Alunos mais habilidosos “carregando” nas jogadas individuais” (OBSERVADOR - DC, 2018).

“Algumas alunas não estão envolvidas nas atividades. Estas quase não pegam o disco, talvez por falta de habilidade, mas em diversos momentos estavam livres e eram a melhor opção de passe na equipe, no entanto, mesmo “pedindo o disco” os demais integrantes não passavam o disco para as mesmas” (OBSERVADOR - DC, 2019).

O primeiro dado sinaliza a predominância dos alunos mais habilidosos durante as aulas, enquanto o segundo dado indica, neste caso, como os alunos menos experientes tiveram pouca oportunidade de participação e engajamento nas atividades, à medida que os próprios colegas tendiam a isentá-los intencionalmente das responsabilidades do jogo.

Entende-se, portanto, que tais comportamentos observados no projeto de extensão possam estar atrelados, justamente, à ausência de atividades pedagógicas que sejam voltadas ao trabalho com os valores referentes a categoria igualdade de oportunidades, desde o início da formação na Educação Básica (BELEM, 2002), às quais façam os alunos estarem em contato constante com vivências que estimulem a reflexão crítica e a tomada de soluções sobre este tema.

Por isso, também se torna fundamental que o professor proporcione espaços de diálogo onde os alunos possam discutir sobre as suas individualidades, a fim de que as diferenças sejam respeitadas e que todos possuam as mesmas

possibilidades de aprendizagem (CONSTANTINO, 2002; SOUZA JUNIOR, 2004; BARROSO; DARIDO, 2009), pois, como afirmam Impolcetto e Darido (2020) as aulas de Educação Física são um direito de todos e essas situações de desigualdade não o garantem, limitando-se que somente alguns alunos tenham acesso às práticas da EFE.

Por outro lado, os dois últimos registros indicam situações distintas das discutidas anteriormente:

“[...] mas também sobre a pontuação das equipes, eu acho que seria muito bacana se no final rolasse meio que uma reviravolta que vocês falassem assim, então a equipe que ganhar não vai contar ponto, não vai contar *fair play*, vai contar o entrosamento da equipe, vai contar uma pesquisa anônima que a gente vai fazer e vai perguntar para cada uma como elas se sentiram em relação a equipe, se a equipe foi acolhedora, porque o objetivo deveria ser esse, e às vezes é difícil, não dá essa linha de pensamento na nossa cabeça ainda mais porque prejudicaria as pessoas que são competitivas e isso é bom, é bom ser competitivo só que a gente tem que ver qual o objetivo da competição, se é ganhar ponto através de gol ou se é o entrosamento, se é essa questão feminina, das meninas se sentirem incluídas e tudo mais” (ESTUDANTE - GF, 2018).

“Após identificar que nem todos estavam participando do jogo os alunos, ao voltarem para a prática das atividades, alteraram as suas atitudes e tornaram a atividade mais igualitária passando o disco por um maior número de integrantes da equipe antes de irem em direção à finalização do ponto” (OBSERVADOR - DC, 2019).

Com o primeiro relato, observa-se um momento de reflexão e compreensão sobre a importância da participação de todos em detrimento da vitória e que o objetivo do esporte da escola não deve ser apenas em prol da competição.

Por fim, o último comentário ressalta que, para além do campo teórico, os alunos demonstraram autonomia ao solucionarem o problema de desigualdade através da mudança de conduta, sem que fosse necessária a intervenção dos professores.

Assim como comprovado pelo estudo de Ginciene e Matthiesen (2017) ao implementarem o SE no ensino do Atletismo no contexto escolar, nota-se que esta abordagem pedagógica também possibilitou aos alunos serem protagonistas dos seus próprios processos de construção do conhecimento.

Apesar das dificuldades evidenciadas nesta categoria, entende-se que o projeto de extensão tenha atendido aos objetivos apontados por Bracht (2000), pois trabalhou o conteúdo esporte por meio de uma prática pedagógica crítica, ao passo que valorizou a implementação do *fair play* durante toda aprendizagem dos alunos.

Sendo assim, tratar esses elementos nas aulas de EFE, por meio das abordagens atuais da Pedagogia do Esporte, garantiria a superação de modelos tradicionais de ensino no que diz respeito à participação dos mais habilidosos, pois uma das principais características é o aumento do número de alunos envolvidos nas aulas (SADI et al., 2004).

5.5. Manter permanentemente a própria dignidade

Observou-se nesta categoria se os alunos conseguiram controlar as suas próprias condutas perante as variadas situações de competição, prezando por atitudes de honra, nobreza e respeito. Ao todo foram selecionados sete registros.

Nas temporadas esportivas de Basquetebol e *Ultimate Frisbee* destacaram-se dois comentários que, apesar de expressarem significados opostos, complementam-se:

“Não vou dizer que não me incomodou (o *fair play*) um pouco, porque tipo o meu jeito quando eu estou aqui por exemplo eu tenho educação com as pessoas, só que quando eu estou jogando bola, fazendo qualquer coisa que tem que ser competitivo, não vai, eu desrespeito às pessoas” (ESTUDANTE - GF, 2017).

“[...] no calor do jogo você conseguir manter os seus valores, com relação a *fair play*, porque assim, nível de jogo com relação a técnica, na hora do jogo você vai dar o seu melhor. Mas não adianta você dar seu melhor de técnica e tipo assim, você não se analisar enquanto pessoa [...] o desafio é esse, é você conseguir, e eu acho que é isso que o projeto propõe, associar, tipo assim o fora do jogo com o momento do jogo, conseguir conciliar isso tudo, com relação à técnica e o *fair play*” (ESTUDANTE - GF, 2019).

Devido ao fato de os comentários acima terem sido realizados em momentos muito distintos do projeto - no primeiro e no último ano de implementação, respectivamente - nota-se um amadurecimento quanto a manifestação dos valores nas aulas. Assim, enquanto no primeiro relato fica evidente a adoção de uma postura antidesportiva nos momentos de jogo, por outro lado, no segundo registro

apresenta-se a valorização de um dos principais objetivos do *fair play* proposto para o contexto escolar (SIEDENTOP; HASTIE; MARS, 2011).

De acordo com Constantino (2002) os alunos na adolescência encontram-se imersos no processo de construção da personalidade, em busca de valores para compor a sua identidade enquanto indivíduos. Dessa forma, entende-se que as relações estabelecidas com um determinado grupo podem influenciar expressivamente no grau de amadurecimento dos mesmos quanto a ética e a moral.

Indo ao encontro das observações expostas por Constantino (2002) torna-se possível compreender, portanto, que as mudanças de atitudes verificadas na presente categoria estejam atreladas às próprias mudanças de comportamento observadas na turma no decorrer das temporadas esportivas.

Seguindo esta perspectiva, os seguintes comentários revelam alguns conhecimentos que os alunos puderam construir a partir do trabalho com o *fair play* por meio do jogo:

“Eu acho que com o *fair play*, além de ter uma maneira diferente de jogar, de não falar palavrão, você começa a respeitar mais as pessoas que estão jogando e quem está fora do jogo. Por exemplo: quando eu comecei a jogar, eu era muito esquentada, soltava palavrão até para quem não precisava. Aí com o *fair play* a gente começou a se policiar mais a falar certas coisas na hora do jogo e também depois do jogo. Por que dá a impressão, e realmente é, que não é necessário falar tudo isso para uma coisa que é só um jogo” (ESTUDANTE - GF, 2017).

“[...] ter mais autonomia de ver no que errou e saber por que, isso ia ajudar ele, porque essa agressividade é com todo mundo, [...] tipo, eu acho isso meio errado porque aqui a gente não tá no profissional, que se ele não fizer aquilo não vai ganhar dinheiro nem nada, aqui é escola, a gente tá fazendo isso pra saber aprender a respeitar o próximo e pra ter uma harmonia e uma junção com a sala [...] (ESTUDANTE - GF, 2018).

Impolcetto e Darido (2007), ao observarem as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física, apontam que o ensino por meio dos jogos (sugerido pelas abordagens atuais da PE e utilizado no projeto de extensão aqui relatado) seja de fato uma ótima estratégia para o trabalho sobre valores, pois possibilita a abertura de diálogos sobre diversas questões éticas e morais e oportuniza aos alunos a vivência desses valores em atividades prazerosas e motivadoras.

Já Luguetti et al. (2017) verificaram que, quando o esporte é abordado através de uma pedagogia que possibilita aos alunos serem agentes ativos do seu próprio aprendizado, também ocorre maior participação e engajamento dos mesmos nas atividades, além de se tornarem capazes de criticar as próprias atitudes, assumir responsabilidades e aprender com os erros, fatores que de acordo com os autores estimulam o entendimento do significado de ser cidadão.

Isto posto, salienta-se a fundamentalidade do ensino reflexivo para que haja mudanças relevantes de comportamentos, revelando dessa maneira que o esporte da escola, como jogo, pode vir a contribuir para a formação de valores indispensáveis para o exercício da cidadania, os quais, uma vez aprendidos através de práticas esportivas significativas, dificilmente serão esquecidos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Em sequência, destacaram-se os próximos apontamentos:

“Eu me orgulho por ter ficado por último [...], ter perdido valeu a pena, sabe. Por ter esse respeito, pelo menos eu senti” (ESTUDANTE - GF, 2018).

“Na minha visão, completando o que eles falaram, é que o *fair play* estimula os nossos valores e esses valores são o que a gente tem que levar pra vida no caso. Respeitar as pessoas, e até nas nossas próprias ações, por exemplo, [...] Aí, o que acontece, na vida também, se uma coisa não dá certo não tem porque a gente ficar se lamentando, bola pra frente, o *fair play* estimula muito isso” (ESTUDANTE - GF, 2019).

O primeiro dado revela que a aprendizagem adquirida sobre os valores, neste caso o respeito, foi mais valorizada do que o ato de vencer, fator que é reforçado pelo apontamento seguinte, onde há o entendimento de que esses mesmos valores aprendidos nas aulas devam ser extrapolados para além da disciplina, isto é, serem transferidos para as demais situações da vida cotidiana.

Como afirma Camargo (2016, p. 37):

“O exercício do *fair play* não muda a sociedade, o que o exercício do *fair play* no esporte na escola faz é abrir os horizontes dos alunos para as injustiças da sociedade e nisso o esporte extrapola seu nicho e alcança a sociedade. Os alunos podem refletir, podem ser levados por meio da mediação do professor e do esporte justo, a analisar e criticar as injustiças [...]”.

Desse modo, verifica-se que ensinar o esporte através das abordagens pedagógicas atuais seja uma alternativa para atender às propostas da BNCC para o

Ensino Médio, o qual prevê que os alunos utilizem dos valores desenvolvidos em aula para exercerem os seus papéis enquanto cidadãos na resolução de conflitos da sociedade (BNCC/BRASIL, 2018).

Por fim, em contrapartida ao exposto nesta categoria, ainda na temporada *Ultimate Frisbee*, salientou-se o seguinte comentário:

“No decorrer dos jogos, algumas atitudes foram sendo adotadas pelos alunos como: ganhar a qualquer custo, fazer xingamentos e palavrões para si e para os demais jogadores, reclamações sobre os acontecimentos do jogo (...)”
(OBSERVADOR - DC, 2019).

Apesar dos resultados positivos observados ao longo do projeto, verifica-se que as condutas antidesportivas não foram totalmente sanadas das aulas, o que pode indicar, dentre os possíveis motivos, que os alunos tendem a expressar os costumes que foram sendo adquiridos desde o início da formação escolar, apresentando dificuldades de adaptação quanto a nova metodologia de ensino, uma vez que as vivências são autênticas e requerem desses alunos o desenvolvimento de novas capacidades, as quais não estão acostumados a presenciar durante as aulas.

Como observaram Carrazoni et al. (2015), nem sempre os professores de Educação Física abordam temas éticos como a moral e *fair play* em suas aulas, da mesma forma que também tendem a não mediar os comportamentos inadequados manifestados pelos alunos. Dessa maneira, as posturas dos professores perante determinadas situações influenciam a forma que os alunos se comportam dentro e fora da disciplina, como um reflexo do que é ou não construído no processo de aprendizagem.

Por esse motivo, apesar de terem sido implementadas três temporadas esportivas consecutivas com os mesmos estudantes, é preciso compreender que as mudanças de atitudes não acontecem de forma repentina e que muito menos são interrompidas quando os ciclos escolares se encerram, pois um ensino crítico e emancipatório possibilita o desenvolvimento de indivíduos autônomos e capazes de usufruírem dos conhecimentos adquiridos no cotidiano escolar como bagagem para a vida (HENKLEIN; MORAES E SILVA, 2007).

5.6. Respeitar os colegas da sua própria equipe

Para esta categoria observou-se as condutas dos alunos mediante a interação com os colegas do próprio time durante os momentos do jogo. Ao todo, foram selecionados cinco registros.

Na primeira temporada esportiva destacaram-se os seguintes comentários:

“Mas com o decorrer do tempo, eu vi pelo menos isso no meu grupo, o grupo começou a ficar mais unido, cada um começou a conversar mais com o outro, e durante os jogos não ficavam os grupinhos separados, ficavam os times mistos sabe, então acho que essa parte foi boa, apesar de ser um pouco difícil lidar com algumas pessoas que você não tem tanta intimidade [...]” (ESTUDANTE - GF, 2017).

“Eu cheguei a uma conclusão, isso aí é meio óbvio para todo mundo, mas o time que não se respeita, o time que não houve conselho dentro de campo, não é campeão. Para um time ser campeão, ter entrosamento dentro de quadra e chegar em uma final, você tem que respeitar cada um que está lá dentro. Aquela pessoa, se ela errou, ao invés de xingar ela, você pode dizer ó você pode melhorar naquilo, você pode fazer isso, melhorar aqui, melhorar ali... acho que isso foi uma das coisas do *fair play* que foi legal” (ESTUDANTE - GF, 2017).

Evidencia-se, já no primeiro ano de implementação, que os alunos tiveram um bom convívio com a própria equipe, o que, conseqüentemente, sinaliza que foram capazes de assumir atitudes positivas durante as competições, mesmo com os colegas que possuíam menor proximidade e/ou intimidade.

Já, mais especificamente com o segundo dado, constata-se que a metodologia de ensino adotada pelo projeto de extensão oportunizou que o estudante refletisse criticamente sobre a relevância do *fair play* para a manutenção do bom relacionamento dentro da equipe, ao passo que o próprio aluno identificou quais seriam as condutas necessárias para que os conflitos fossem resolvidos e o trabalho em grupo pudesse acontecer como, por exemplo, o respeito, a tolerância e a comunicação.

No estudo de Ginciene (2016) também foi possível notar que a metodologia adotada nas aulas, com o SE, proporcionou aprendizagens sobre a dinâmica do trabalho em grupo, onde os alunos, apesar das dificuldades de adaptação à nova

abordagem, participaram do processo de construção do conhecimento à medida que aprenderam a se relacionar com os colegas ao longo das aulas.

Embora ainda não haja a garantia de que os estudantes alterem as suas condutas, foi possível constatar que o modelo do SE oportunizou, no entanto, que os eles estivessem em contato constante com situações práticas, as quais exigiram a execução dos valores abordados em aulas anteriores, estimulando assim a aprendizagem para a formação de alunos críticos e autônomos (GINCIENE, 2016).

Seguindo o cenário apresentado acima, comentários semelhantes destacaram-se nas demais temporadas esportivas:

“Dentro da nossa equipe a gente soube respeitar a dificuldade de cada um”
(ESTUDANTE - GF, 2018).

“O esporte não é somente você entrar numa quadra, entrar num campo e seguir as regras e tentar ganhar o jogo, é você saber conviver em equipe, você saber trabalhar com seu parceiro pra você conseguir um resultado melhor, então eu acho que a gente tinha que prezar o respeito dentro da equipe e o principal aprendizado foi isso né, conviver em coletivo”
(ESTUDANTE - GF, 2019).

Mesmo que os respectivos dados também demonstraram o bom relacionamento entre os integrantes das equipes, revela-se com o primeiro comentário que alguns alunos souberam colocar em prática o respeito pelo nível de habilidade dos seus colegas.

Cagliari (2018), em seu estudo sobre o ensino do Handebol por meio do SE nos anos finais do Ensino Fundamental, verificou que as alunas que compunham uma das equipes foram capazes de exercer um melhor trabalho em conjunto quando compartilhavam de um sentimento de pertencimento, embora também tenham sido identificados dados opostos ao observado no presente trabalho. Ou seja, o fato de sentirem-se capazes de contribuir para o grupo fez com que essas alunas ficassem mais motivadas para participar e criar estratégias coletivas, ocasionando também em um maior envolvimento daquelas com menores níveis de habilidades e/ou que apresentavam dificuldades de socialização.

Apesar de não ter ficado evidente os motivos que levaram os alunos a respeitarem as dificuldades dos seus colegas, torna-se possível pressupor que as boas condutas observadas no presente trabalho também possam estar relacionadas com o sentimento de pertencimento, já que uma das principais características do

modelo SE é justamente a filiação (GRAÇA; MESQUITA, 2007; LUCCA, 2018), onde busca-se promover a formação de equipes para favorecer a união entre os alunos e estimular o trabalho em conjunto.

Ainda, a partir do registro referente a temporada de *Ultimate Frisbee* revela-se que o aluno compreendeu que os objetivos do *fair play* podem ir além da busca pela vitória nas competições, uma vez que reconheceu o trabalho em equipe como elemento chave da aprendizagem.

Indo ao encontro da perspectiva do ensino dos valores, Ginciene e Matthiesen (2018) indicam a relevância desta temática para a EFE quando trabalhados a partir de um planejamento e de uma sistematização pertinentes aos conteúdos específicos da disciplina como, neste caso, o respeito pelos colegas de equipe. Ou seja, como os valores aprendidos irão pautar as reflexões frente às situações empregadas pela prática das aulas de Educação Física e como poderão ser base para possíveis discussões sobre os valores e atitudes que acompanham uma determinada modalidade esportiva.

Dessa forma, este dado reafirma as contribuições que as abordagens atuais da PE podem oferecer à EFE quanto ao ensino dos valores, à medida que permitem a ressignificação do ensino do esporte para além dos moldes tradicionais, permitindo um processo de aprendizagem pautado no desenvolvimento da criticidade e autonomia dos alunos.

Por fim, na temporada esportiva *Ultimate Frisbee* destacou-se também o seguinte comentário:

“Os jogadores da Equipe K’Bron que estavam de fora do jogo não aceitaram a decisão tomada pelos companheiros e ficaram reclamando que o ponto deveria ter sido válido” (OBSERVADOR - DC, 2019).

Vale frisar que nesta temporada, devido às características da modalidade esportiva em questão, os próprios alunos, em situação de jogo, tiveram a responsabilidade de avaliar as jogadas e entrar em consenso quanto aos acontecimentos das partidas, prezando pelo jogo limpo, apesar da ausência de árbitros. Por este motivo, quando os alunos que estão fora da quadra não aceitam a decisão ética dos seus colegas, que não favoreceram o seu próprio time, torna-se sinônimo de desrespeito.

Esse acontecimento pode ser explicado a partir de uma cultura antidesportiva que está imbricada no ato de torcer. Para Ribeiro e Azevedo (2016), é comum observarmos nas partidas a exigência exacerbada dos torcedores pela vitória do seu time. Assim, o desejo pela conquista se sobrepõe aos valores e morais que compõem o *fair play* e que deveriam ser priorizados nas competições esportivas, abrindo espaço para manifestações de condutas inadequadas como, xingamentos, violência, preconceito e intolerância, tudo em prol da vitória a qualquer custo. Ainda, segundo os autores, a influência da torcida pode fazer com que os próprios jogadores se sintam pressionados para realizar essas atitudes antidesportivas, a fim de vencer e agradar os seus torcedores.

Então, faz-se necessária a seguinte observação: embora a maioria dos resultados desta categoria tenham indicado uma predominância de condutas de respeito entre os integrantes das equipes, também foi possível notar que alguns alunos ainda apresentaram atitudes antidesportivas, não apenas nesta temporada, mas em outras situações do projeto, ainda que essas atitudes tenham sido esporádicas e não exigiram a intervenção dos estagiários responsáveis pelas aulas.

De acordo com as abordagens da PE, quando os alunos são considerados o centro do processo de aprendizagem deve-se compreender que cada indivíduo possui o seu próprio processo de desenvolvimento, já que nem todos aprendem ao mesmo tempo ou através das mesmas estratégias (GALATTI; PAES, 2006).

É imprescindível que os professores, ao realizarem os seus planejamentos, respeitem às diferentes particularidades e necessidades dos seus alunos, entendendo que a construção do conhecimento é subjetiva e individual (VANCINI et al., 2015).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados produzidos na presente pesquisa foi possível identificar que a abordagem do *fair play*, a partir do modelo SE, influenciou significativamente mudanças de comportamento dos alunos perante as situações de jogo e competição. Dessa forma, compreende-se que a diminuição das condutas negativas possa estar diretamente associada à implementação do *fair play* nas aulas de Educação Física, uma vez que incentiva a aprendizagem dos alunos sobre a importância do jogo limpo, bem como da transferência desses valores para a vida.

Observou-se que os alunos ainda são pouco estimulados a pensarem e discutirem sobre as suas atitudes durante as vivências escolares, uma vez que as estratégias de ensino utilizadas pelos professores, em sua maioria, são espelhadas no modelo tradicional tecnicista de ensino do esporte.

Dessa forma, ao se depararem com uma nova abordagem de ensino, os alunos apresentam algumas dificuldades de adaptação, pois não estão acostumados a participar ativamente da construção do conhecimento como protagonistas da própria aprendizagem.

Uma das principais dificuldades evidenciadas relaciona-se a existência de regras, como as do *fair play*, que regem as ações durante o jogo, implicando, muitas vezes, no descumprimento das mesmas de forma automática ou no cumprimento unicamente para alcançar a vitória em benefício da própria equipe, no caso dos esportes coletivos de invasão.

Tendo em vista este aspecto, o modelo SE representa uma alternativa para que o ensino do esporte da escola ocorra de maneira diferenciada, possibilitando aos alunos vivências autênticas com espaço para reflexão sobre as condutas e responsabilidades, ao passo que estimula o desenvolvimento da autonomia e senso crítico.

Acredita-se que estudar o *fair play* dentro de um projeto de educação esportiva, baseado nas abordagens atuais da PE, possa contribuir para que os professores identifiquem quais as situações que levam os alunos a expressarem mais atitudes de respeito e nobreza, por exemplo, e quais situações desencadeiam as atitudes antidesportivas na prática do esporte.

Uma limitação encontrada no presente Trabalho de Conclusão de Curso vai ao encontro da seguinte reflexão: os professores estão preparados para ensinar o

conteúdo esporte de acordo com as novas abordagens da PE, prezando para o desenvolvimento dos valores nas aulas? De fato, sabe-se que um dos grandes desafios da EFE está associado à necessidade de o ensino ser direcionado para além dos saberes procedimentais e, até mesmo, conceituais, tendo em vista as dificuldades de ensinar valores.

Apesar destas manifestações pertencerem a uma realidade específica, espera-se que os achados possam contribuir para que os professores façam reflexões sobre a possibilidade de implementar o SE adaptado à sua própria realidade escolar e inspire-os a ressignificar o ensino do esporte em suas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Escola, Educação Física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, Santo André, v. 1, n. 4, p. 101-114, 2006.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. A Pedagogia do Esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.

BARROSO, A. L. R. Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar. In: ALBUQUERQUE, D.I.P.; DEL-MASSO, M.C.S. **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço do ProEF. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 1-170.

BATTISTUZZI, V. M. **O esporte enquanto conteúdo conceitual, procedimental e atitudinal nas aulas de Educação Física escolar**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

BELEM, C. M. **Valores do fair play nas aulas de Educação Física e na prática esportiva dos alunos das escolas agro técnicas federais**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, p. 73-81, 2002.

BORGES, R. M. et al. *Ultimate Frisbee*. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S.C.; OLIVEIRA, A.A.B. **Esportes de Invasão**: práticas corporais e a organização do conhecimento. 2. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2017. p. 441-528.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-23, 2000.

BRAGA, J. V. B.; OSHIMA, K. K.; DALBEN, A. A produção da Educação Física brasileira sobre *fair play* e racismo no esporte: estado da arte de teses e dissertações. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, p. 01-20, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. 2018.

BROUCO, G. R.; DARIDO, S. C. As diferentes tendências pedagógicas da Educação Física escolar e o último concurso para professores da rede pública estadual de ensino no Paraná. In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, n. III, 2007, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2007. p. 33-39.

Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef3/trabalhos/ordem/04.07/04.07-03.pdf>.

Acesso em: 02 mar. 2020.

CAGLIARI, M. S. **Pedagogia do Esporte e TIC: contribuições para o ensino do handebol na Educação Física escolar**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

CAMARGO, G. S. **Esporte na Educação Física escolar: *fair play*, mídia e o que mais?** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2016.

CARRAZONI, G. S. et al. Ética e moral nas aulas de Educação Física: repercussão do *fair play* nas competições escolares. In: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, n. VII, 2015, Alegrete. **Anais [...]**. Alegrete: Universidade Estadual do Pampa, Alegrete, 2015.

CIAMPOLINI, V. et al. Percepções sobre um projeto esportivo organizado para o desenvolvimento de habilidades para a vida. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 62-85, 2020.

CONSTANTINO, M. T. **Comportamento normatizado versus comportamento efetivo na prática do *fair play* entre jovens escolares de Quintino, Rio de Janeiro**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

CORDOVIL, A. P. R. et al. O espaço da Educação Física na escola: um estudo sobre os conteúdos das aulas no Ensino Médio. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 834-847, 2015.

DARIDO, S. C. et al. Educação Física no Ensino Médio: reflexões e ações. **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 2, p. 138-145, 1999.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O contexto da educação física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. cap. 1.

DE SÁ, J. J.; MYSKIW, M. Transformação didático-pedagógica e o ensino de novos esportes no Ensino Médio: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 8, n. 14, p. 85-93, 2009.

FERRAZ, O. L. O desenvolvimento da noção de regras do jogo de futebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 27-39, 1997.

FREIRE, E. S. et al. A dimensão atitudinal nas aulas de Educação Física: conteúdos selecionados pelos professores. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 21, n. 2, p. 223-235, 2010.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153–162, 2014.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Fundamentos da Pedagogia do Esporte no cenário escolar. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 9, p. 16-25, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINCIENE, G. **A história do esporte, os valores e as tecnologias da informação e comunicação no ensino do atletismo**. 2016. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2016.

GINCIENE, G.; MATTHIESEN, S. Q. O modelo do *Sport Education* no ensino do atletismo na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 729-742, 2017.

GINCIENE, G.; MATTHIESEN, S. Q. Estratégias para o ensino dos valores em aulas de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 156-167, 2018.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 3, p. 401-421, 2007.

GUIMARÃES, A. A. et al. Educação física escolar: atitudes e valores. **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n. 1, p. 17-22, 2001.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, p. 126, 2012.

HASTIE, P. A.; CURTNER-SMITH, M. D. Influence of a hybrid *Sport Education* - Teaching Games for Understanding unit on one teacher and his students. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 11, n. 1, p. 1-27, 2006.

HENKLEIN, A. P.; MORAES E SILVA, M. A concepção crítico-emancipatória: avanços, possibilidades e limitações para a Educação Física escolar. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 121-134, 2007.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Ética como tema transversal: possibilidades de aplicação nas aulas de Educação Física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 14-23, 2007.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Ética e Educação Física escolar: reflexões e possibilidades. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, v. 16, n. 156, p.1, 2011.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. In: ALBUQUERQUE, D.I.P.; DEL-MASSO, M.C.S. **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço do ProEF. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 14-26.

LUCCA, M. H. S. **TIC e Sport Education**: uma proposta pedagógica para o ensino dos saberes conceituais técnicos do handebol no Ensino Médio. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2ª edição. São Paulo: EPU, 2013.

LUGUETTI, C. et al. An Activist Approach to Sport Meets Youth From Socially Vulnerable Backgrounds: Possible Learning Aspirations. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Austrália, v. 88, n.1, p. 60-71, 2017.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e o referencial histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 414–430, 2014.

MALDONADO, D. T. et al. As dimensões atitudinais e conceituais dos conteúdos na Educação Física escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 546-559, 2014.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, 2007.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis**: An expanded sourcebook 2. Ed. Thousand Oaks: Sage, 1994.

MORAIS, A. O. et al. Comportamentos antiesportivos e de *fair play* em categorias de base do futsal. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 171-185, 2019.

NEVES, R. B. P. et al. Rúgbi na escola?!... Perspectivas de uma proposta diversificada, pautada na Pedagogia do Esporte para a Educação Física escolar do ensino fundamental. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Jundiaí, v. 12, n. 4, p. 127-134, 2013.

OLIVEIRA, M. T. M.; GRAÇA, A. Procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos na aula de Educação Física. **Millenium**, Viseu, v.1, n. 45, p. 25-43, 2013.

PARENTE, T. A.; IAOCHITE, R. T. Desengajamento moral em aulas de Educação Física na escola. In: IAOCHITE, R.T. **Teoria social cognitiva e Educação Física**: diálogos com a prática. São Paulo: CREF4/SP, 2018. p. 1-105.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. A participação dos alunos do Ensino Médio em aulas de Educação Física: algumas considerações. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2005.

PORTUGAL. [Plano Nacional de Ética no Desporto (2014)] **Código de Ética Desportiva**. Lisboa: Secretário de Estado de Desporto e Juventude, 2014. Disponível em: <http://www.pned.pt/documentos-orientadores/codigo-etica-desportiva.aspx>. Acesso em: 11 nov. 2020.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

RIBEIRO, E. P.; AZEVEDO, M. A. O *fair play* como deliberação moral: práticas e virtudes em jogo. **Fair Play. Revista de Filosofia, Ética y Derecho del Deporte**, Barcelona, v. 1, n.7, p. 48-67, 2016.

SADI, R. S. et al. **Pedagogia do Esporte**. 1ª edição. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2004.

SANTOS, A. R. R. Espírito Esportivo – *fair play* e a prática de esportes. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 13-28, 2005.

SANTOS, M. A. G. N.; NISTA-PICCOLO, V. L. O esporte e o Ensino Médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 65-78, 2011.

SIEDENTOP, D.; HASTIE, P. A.; MARS, H. V. D. **Complete guide to Sport Education**. Human Kinetics, 2011.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JUNIOR, M. Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em Educação Física: trajetória, orientações legais e implicações pedagógicas. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 201-217, 2004.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VANCINI, R. L. et al. A pedagogia do ensino das modalidades esportivas coletivas e individuais: um ensaio teórico. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. 4, p. 137-154, 2015.

VENDITTI JUNIOR, R.; SOUSA, M. A. Tornando o “jogo possível”: reflexões sobre a Pedagogia do Esporte, os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem esportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n.1, p. 47-58, 2008.

VISSOCI, J. R. N et al. Motivação e atributos morais no esporte. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 173-182, 2008.

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido responsáveis pelos alunos**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)**

O menor sob sua responsabilidade está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada: "O ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar: análise de propostas baseadas nas abordagens atuais da Pedagogia do Esporte", que será desenvolvida por mim, Fernanda Moreto Impolcetto, portadora do RG: 29.985.389-5, Professora Assistente Doutora do Departamento de Educação Física, do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro.

O objetivo da pesquisa é analisar propostas para o ensino do esporte nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental e Médio, elaboradas a partir das abordagens atuais da Pedagogia do Esporte.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados às contribuições e desafios que as abordagens atuais da Pedagogia do Esporte podem promover no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física escolar no contexto brasileiro.

Convido, portanto, o (a) menor sob sua responsabilidade para participar da implementação do projeto, que ocorrerá dentro das aulas de Educação Física, por alunos formados e em formação no curso de Educação Física da Unesp de Rio Claro, sob o acompanhamento do professor da turma e da pesquisadora responsável. Ao final do projeto ele (a) poderá ser convidado (a) a participar de uma sessão de grupo focal (entrevista em grupo com outros colegas da turma) que terá a duração máxima de 45 minutos (ocorrerá na própria escola, na última aula do projeto) com a finalidade de avaliar o projeto. A sessão do grupo focal será gravada em áudio.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos. Nas aulas práticas onde os alunos participarão de muitos jogos esportivos, os riscos físicos são os mesmos das aulas de Educação Física, como lesões, torções e quedas. Para minimizá-los, durante todo o projeto o(a) menor sob sua responsabilidade será acompanhado pelos regentes das aulas, o professor da turma e a pesquisadora responsável, que tomarão os devidos cuidados para evitá-los, como: não realizar as atividades em pisos escorregadios, não utilizar materiais que possam oferecer perigo e atividades com alto índice de contato físico. No caso de ocorrências, a pesquisadora se responsabiliza em realizar os primeiros socorros e encaminhar prontamente o menor para o posto de atendimento médico mais próximo.

Na sessão de grupo focal, os riscos estão relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição de ideias e opiniões que serão registradas, como inibição, vergonha e desconforto. Para minimizar estes riscos a mesma será agendada previamente e ocorrerá na escola, num local privado e sem interferência de terceiros; permitirei que você e o menor sob sua responsabilidade tenham acesso às perguntas antes da entrevista, caso seja da vontade de ambos; estarei disponível para esclarecer possíveis dúvidas sobre participação dele(a) e o uso de suas respostas, opiniões, e/ou considerações; aceitarei a solicitação de interrupção da gravação em áudio ou providenciarei tal interrupção caso observe alterações de humor ou saúde que coloquem o(a) participante em risco durante o grupo focal; se o menor sob sua responsabilidade não aceitar a gravação em áudio, as respostas serão anotadas num caderno.

O (A) menor sob sua responsabilidade poderá recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem nenhum tipo de penalização. Todas as dúvidas que surgirem, necessidades de informação ou esclarecimentos poderão ser explicados pela pesquisadora em qualquer momento do estudo.

Os dados coletados nesta pesquisa, serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que a identidade pessoal do (a) menor sob sua responsabilidade será mantida em sigilo.

O (A) menor sob sua responsabilidade não terá nenhum tipo de despesa com a participação nessa pesquisa, bem como, não será remunerado (a) para participar da mesma.

Caso você não autorize a participação do (a) menor sob sua responsabilidade nesta pesquisa, isso não acarretará qualquer prejuízo na participação e na avaliação dele (a) nas atividades enquanto aluno da disciplina.

Tanto o (a) menor sob sua responsabilidade quanto você, poderão ter acesso aos dados coletados (serão observações das aulas e a sessão de grupo focal) e solicitarem a retirada de parte (fragmentos) do material que será aproveitado para fins de pesquisa, se assim desejarem, ou indicarem o que deve, ou não ser utilizado.

Se você se sentir suficientemente esclarecido (a) sobre esta pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Rio Claro, ____ de _____ de _____.

Pesquisadora Responsável

Participante da Pesquisa

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: "O ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar: análise de propostas baseadas nas abordagens atuais da Pedagogia do Esporte".

Pesquisadora Responsável: Fernanda Moreto Impolcetto

Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física.

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para Contato: (19) 3526-4334 e-mail: femoreto@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

ANEXO B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido aluno**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TALE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada: "O ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar: análise de propostas baseadas nas abordagens atuais da Pedagogia do Esporte", que será desenvolvida por mim, Fernanda Moreto Impolcetto, portadora do RG: 29.985.389-5, Professora Assistente Doutora do Departamento de Educação Física, do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro.

O objetivo da pesquisa é analisar propostas para o ensino do esporte nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental e Médio, elaboradas a partir das abordagens atuais da Pedagogia do Esporte.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados às contribuições e desafios que as abordagens atuais da Pedagogia do Esporte podem promover no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física escolar no contexto brasileiro.

Convido-o (a) portanto, para participar da implementação do projeto, que ocorrerá dentro das aulas de Educação Física, por alunos formados e em formação no curso de Educação Física da Unesp de Rio Claro, sob o acompanhamento do professor da turma e da pesquisadora responsável. Ao final do projeto você poderá ser convidado (a) a participar de uma sessão de grupo focal (entrevista em grupo com outros colegas da turma) que terá a duração máxima de 45 minutos (ocorrerá na própria escola, na última aula do projeto) com a finalidade de avaliar o projeto. A sessão do grupo focal será gravada em áudio.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos. Nas aulas práticas onde vocês participarão de muitos jogos esportivos, os riscos físicos são os mesmos das aulas de Educação Física, como lesões, torções e quedas. Para minimizá-los, durante todo o projeto você será acompanhado pelos regentes das aulas, o professor da turma e a pesquisadora responsável, que tomarão os devidos cuidados para evitá-los, como: não realizar as atividades em pisos escorregadios, não utilizar materiais que possam oferecer perigo e atividades com alto índice de contato físico. No caso de ocorrências, a pesquisadora se responsabiliza em realizar os primeiros socorros e encaminhá-lo (a) prontamente para o posto de atendimento médico mais próximo.

Na sessão de grupo focal, os riscos estão relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição de ideias e opiniões que serão registradas, como inibição, vergonha e desconforto. Para minimizar estes riscos a mesma será agendada previamente e ocorrerá na escola, num local privado e sem interferência de terceiros; permitirei que você tenha acesso às perguntas antes da entrevista, caso seja da sua vontade; estarei disponível para esclarecer possíveis dúvidas sobre sua participação e o uso de suas respostas, opiniões, e/ou considerações; aceitarei a solicitação de interrupção da gravação em áudio ou providenciarei tal interrupção caso observe alterações de humor ou saúde que o(a) coloquem em risco durante o grupo focal; se você não aceitar a gravação em áudio, as respostas serão anotadas num caderno.

Você poderá recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem nenhum tipo de penalização. Todas as dúvidas que surgirem,

necessidades de informação ou esclarecimentos poderão ser explicados pela pesquisadora em qualquer momento do estudo.

Os dados coletados nesta pesquisa, serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Você não terá nenhum tipo de despesa com a participação nessa pesquisa, bem como, não será remunerado (a) para participar da mesma.

Caso você não receba autorização ou não queira participar desta pesquisa, isso não acarretará qualquer prejuízo na sua participação nas aulas e na avaliação enquanto aluno da disciplina de Educação Física.

Você poderá ter acesso aos dados coletados (serão observações das aulas e a sessão de grupo focal) e solicitar a retirada de parte (fragmentos) do material que será aproveitado para fins de pesquisa, se assim desejar, ou indicar o que deve, ou não ser utilizado.

Se você se sentir suficientemente esclarecido (a) sobre esta pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Rio Claro, ____ de _____ de _____.

Pesquisadora Responsável

Participante da Pesquisa

Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: "O ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar: análise de propostas baseadas nas abordagens atuais da Pedagogia do Esporte".

Pesquisadora Responsável: Fernanda Moreto Impolcetto

Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física.

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista. CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP.

Dados para Contato: (19) 3526-4334 e-mail: femoreto@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do participante da pesquisa:

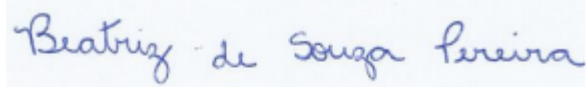
Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____



Beatriz de Souza Pereira



Prof. Dr.ª. Fernanda Moreto Impolcetto



Ms. Tomás Augusto Parente